

A psicanálise, a filosofia e a Universidade (1).

Psychoanalysis, philosophy and the University.

Sergio Augusto Franco Fernandes¹

Resumo:

O uso que se faz, hoje, do vocabulário conceitual da psicanálise, pode ser constatado nos discursos provindos das mais diversas áreas do conhecimento. A psicanálise tem sido disseminada, no meio universitário, de uma forma bastante intensa, pelas vias abertas por diversos cursos (e discursos), nas suas graduações e pós-graduações. No Brasil, faz muito tempo que se publica sobre Filosofia da Psicanálise. Como consequência, temos, hoje, muitos estudos originais, desenvolvidos de forma extremamente rigorosa, que nos propiciam interessantes chaves interpretativas. Discorreremos, portanto, acerca da importante contribuição da Filosofia da Psicanálise – ao longo dos seus mais de 30 anos de estudos e pesquisas nas universidades brasileiras –, apresentando o seu lugar e a sua importância, no que diz respeito à inserção da psicanálise no meio acadêmico.

Palavras-chave: Epistemologia. Filosofia. Psicanálise. Universidade.

Abstract:

The current use of psychoanalysis' conceptual vocabulary can be originated from discourses of many diverse areas of knowledge. Psychoanalysis has been disseminated inside the university in a very intense way, through open channels in many courses (and discourses), in the undergraduate and graduate education. In Brazil, issues related to the Philosophy of Psychoanalysis have been published for a long time. Consequently, today we find many original studies developed in a rigorous manner, providing interesting interpretative keys. We will talk about the important contribution of the Philosophy of Psychoanalysis throughout more than 30 years of study and research in the Brazilian Universities, placing it regarding the insertion of psychoanalysis within the academia.

Keywords: Epistemology. Philosophy. Psychoanalysis. University.

O uso que se faz, hoje, do vocabulário conceitual da psicanálise, pode ser constatado nos discursos provindos das mais diversas áreas do conhecimento. A psicanálise tem sido disseminada, no meio universitário, de uma forma bastante intensa, muitas vezes equivocada, pelas vias abertas por diversos cursos, nas suas graduações e pós-graduações. A via médica, evidentemente, teve e tem a sua parcela nessa disseminação, mesmo tendo criado, desde o início, fortes resistências, resistências estas que não escapam aos cursos de psicologia, filosofia, letras, história, antropologia etc. Certamente não seria nada profícuo para a psicanálise, caso ela não encontrasse resistências, onde quer que fosse. O que se pretende, portanto, é apresentar outra via que, em vez de entrar na querela, por exemplo, sobre a possibilidade ou não de haver ensino/transmissão da psicanálise na Universidade, nos propicie uma compreensão mais

¹ Doutor em Filosofia (UNICAMP); Prof. adjunto do CAHL/UFRB; Membro do GT Filosofia e Psicanálise (ANPOF); Membro do Colégio de Psicanálise da Bahia; E-mail:

sergioaffernandes@gmail.com

<http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-i-ano-v/artigos-tematicos/a-psicanalise-a-filosofia-e-a-universidade.pdf>

profunda e bem fundamentada dos conceitos psicanalíticos, utilizados, hoje, pelos mais variados discursos, nas mais diversificadas áreas do conhecimento. Estou-me referindo à *Filosofia da Psicanálise*, uma via pela qual a psicanálise encontrou espaço para manifestar-se, de uma maneira, eu diria, diferenciada, talvez mais apurada e, necessariamente, mais cuidadosa que as demais, haja vista que lida diretamente com os conceitos constitutivos de uma determinada forma de saber.

Sabemos que, desde a sua fundação, a psicanálise tem sido objeto de estudo dos filósofos, apresentando-se como um campo verdadeiramente fértil para indagações. A partir dessa interface com a filosofia, a psicanálise passou a ser tratada como uma disciplina passível de ser analisada criticamente por uma epistemologia ou, mesmo com ressalvas, por uma filosofia da ciência, sendo investigada, principalmente, nos seguintes pontos: 1- na sua história; 2- na sua fundamentação teórica; 3- na sua coerência interna. A psicanálise passou, então, a ser questionada, seja pelos critérios gerais que direcionam o julgamento das outras ciências, seja pelos seus próprios critérios. Vale lembrar que, no Brasil, há mais de 20 anos que se publica sobre a *Filosofia da Psicanálise*. Como consequência, temos, hoje, apesar de um espaço de tempo relativamente curto, muitos estudos originais, desenvolvidos de forma extremamente rigorosa, que nos propiciam interessantes chaves interpretativas. Versaremos, portanto, acerca da importante contribuição da *Filosofia da Psicanálise*, buscando situar o seu papel, o seu lugar e a sua importância, no que diz respeito à inserção da psicanálise no nosso meio acadêmico.

Traremos à tona um exemplo significativo de chave interpretativa, propiciada pelo livro *Freud, o movimento de um pensamento*, escrito pelo conceituado professor Luiz Roberto Monzani, um dos precursores da referida disciplina/linha de pesquisa aqui no Brasil. No referido livro, e de um modo bastante peculiar, ele consegue mostrar com clareza o movimento do pensamento freudiano, apresentando uma solução possível para relativizar o antagonismo existente entre um Freud mecanicista e um Freud hermeneuta. Nesse sentido, percebe-se o pensamento freudiano evoluir, não para rupturas e continuidades, mas para um movimento a um só tempo espiralado e pendular. É-nos mostrado que, para Freud, não existe divergência entre essas duas operações, o que nos faz ficar atentos para o fato de que, em se tratando de Freud, sejamos prudentes nesse domínio, não descartando tão facilmente supostas contradições. Adiante, discorreremos um pouco mais sobre essas duas operações, mesmo que de forma sucinta.

Antes, porém, de adentrarmos na seara dessa interessante chave interpretativa, creio ser oportuno um esclarecimento acerca do termo *filosofia da psicanálise*, termo esse que identifica uma disciplina/linha de pesquisa ainda muito recente, embora bastante produtiva, na medida em que se pode constatar, nos dias de hoje, não apenas a quantidade de trabalhos até então elaborados, mas também a boa qualidade de considerável parte da produção existente. E, para tanto, nada mais oportuno do que nos remetermos a um pequeno e esclarecedor artigo do próprio Monzani, intitulado “O que é Filosofia da Psicanálise”, publicado, em 2008, na revista *Philosophos* (UFG), como apresentação de um dossiê sobre *Filosofia e Psicanálise* (2).

Quanto à *filosofia da psicanálise*, com o seu crescimento e consequente variedade de trabalhos produzidos, terminou-se por fazer confusão em relação aos seus limites. A *filosofia da psicanálise* passou, então, a demandar critérios que, de alguma maneira, pudessem definir, com o máximo de clareza, a sua delimitação. Nesse sentido, algumas questões se impõem. É possível, então, de acordo com as indicações de Monzani, formulá-las assim: 1- Em que consiste a *filosofia da psicanálise*? 2- Que espécie de pesquisa pode ser incluída nessa categoria? 3- Que relação pode ser estabelecida, nessas pesquisas, entre a filosofia e a psicanálise? Creio que, ao longo desse breve texto, alguns esclarecimentos possam vir a satisfazer, mesmo que de forma parcial, a essas indagações.

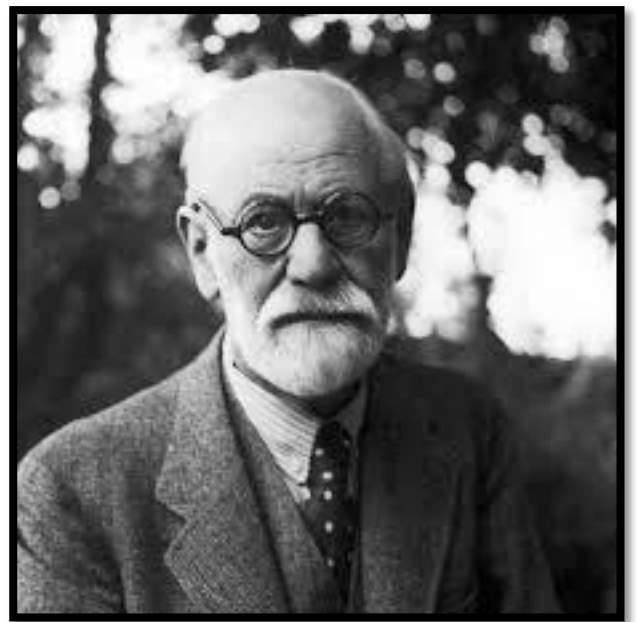
Abrimos aqui um parêntese para ressaltar que, antes do “advento” da *filosofia da psicanálise*, a obra de Freud esteve, via de regra, dividida em duas áreas: uma, com os psicanalistas, que se subordinavam à teoria e aos conceitos que norteavam as suas práticas, sem discuti-los ou questioná-los (como muitos ainda o fazem) e outra, onde foi disseminada uma leitura crítica, no sentido pejorativo, cuja finalidade era apresentar a falsidade das teorias de Freud, na medida em que se produziam estranhas alianças entre escolas, muitas delas manifestamente divergentes. O resultado disso tudo, no entanto, não poderia ter sido outro:

A mais célebre e bisonha dessas críticas acusava a teoria freudiana de pansexualismo. É preciso, com certeza, não ter lido seriamente nenhuma obra de Freud ou ser de extrema má-fé para sustentar tal ideia. Assim, entre uma prática cega e uma leitura preconceituosa, a obra de Freud foi subsistindo, como se diz, “aos trancos e barrancos” e pouco se fez realmente no sentido de se tentar saber o que esse discurso dizia (MONZANI, 1991, p. 112).

Nessa perspectiva, constatamos uma “estratégia” – esta mais sutil e perigosa que as demais – que consiste na ideia de produzir um “travestimento” sistemático das idéias freudianas, deixando de lado tudo que existe de mais singular na obra de Freud. A “psicologia do ego” e, mais recentemente, as escolas ditas “freudianas ortodoxas”, dirigidas por grupos evangélicos (3), constituem evidentes exemplos desse “travestimento”. Daí a necessidade de leituras mais criteriosas.

Iniciando a sua tarefa de esclarecer o sentido do termo *filosofia da psicanálise*, Monzani, com a prudência que lhe é peculiar, apresenta as diferenças entre uma *filosofia da ciência*, com seus critérios de verdade aplicados a disciplinas já constituídas e a *filosofia da psicanálise*, como disciplina em construção (assim como um bom número de disciplinas designadas como ciências humanas), motivo que, por si só, impossibilita a aplicação desses critérios de verdade à psicanálise. Esse é um dos motivos pelo qual a ideia canônica de *filosofia da ciência* não deve ser aplicada a esses domínios, especialmente, como vimos, à psicanálise. Para tanto, deve haver outro tipo de abordagem, que considere outros modos de procedimento, em que as diferentes formas discursivas não necessitem “humilhar-se” diante de procedimentos como os da *filosofia da ciência*, que costuma julgar de acordo com regras pré-determinadas. Como bem disse Emilio Rodrigué: “A psicanálise não é experimentação, é experiência. A intenção cientificista de medir vai contra a própria essência dessa experiência, na medida em que não se mede o que se compartilha” (RODRIGUÉ, 1979, p. 44).

Para diferenciar os procedimentos da *filosofia da psicanálise* dos procedimentos da *filosofia da ciência*, sugerimos que sejam tomados como referência três grupos de abordagens que se enquadram nesse perfil. O primeiro seria tomar a obra de Freud como sendo o principal “corpus” de textos psicanalíticos, ou seja, a obra freudiana seria a



Freud

referência, a base para o desenvolvimento de todo trabalho epistemológico que envolveria a psicanálise, estabelecendo, de alguma forma, um grupo de genealogias conceituais que <http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-i-ano-v/artigos-tematicos/a-psicanalise-a-filosofia-e-a-universidade.pdf>

influenciariam e determinariam a constituição desse discurso, sem maiores preocupações com a verdade ou falsidade do mesmo.

O segundo grupo de abordagem tomaria a teoria psicanalítica como uma rede discursiva, como um tecido de significações que deve ser explicitado, comentado, discutido e interpretado. Trata-se, nesse sentido, de uma leitura interna do texto, sem preocupação com a verdade da doutrina, mas preocupada somente em saber como se estabelecem, propõem-se, abandonam-se, alargam-se ou estreitam-se os significados dos diversos conceitos no interior da teoria. Como foi dito, trata-se, pois, de uma leitura interna do texto, preocupada em decifrar o seu encadeamento, suas contradições, seus embates e demais problemas que possam vir a surgir no seu decorrer.

Um terceiro grupo de abordagem – ou um terceiro tipo de leitura – seria, talvez, o mais interessante, visto que esse tipo de leitura se mostra o mais frutífero e fecundo para a psicanálise e para as ciências humanas. Os pressupostos desse terceiro tipo de abordagem estariam enraizados no segundo tipo. Vamos buscar compreender. Deve-se levar em consideração que cada disciplina produz um saber específico, que tem seus contornos e suas determinações próprias, abandonando-se, então, o ideal unitário de ciência (ao menos provisoriamente) e seu correlato, a saber, o de que só existe uma espécie de verdade. Sendo assim, esse terceiro tipo de leitura procuraria analisar e pontuar um conjunto próprio de critérios específicos de validação, além de buscar o critério e a ideia de verdade que daí possa surgir. Cito Monzani:

Trata-se, portanto, neste último caso, de inverter o procedimento tradicional da filosofia da ciência, que parte de uma pré-determinada ideia de verdade, e se pergunta se as diferentes disciplinas que vão desfilando frente a ela (matemática, física, biologia, psicanálise etc.) se adequam ou não a esse modelo pré-estabelecido. Quer dizer, ao invés de procurar impor de fora, como uma camisa de força, certos critérios que se julgam válidos para toda e qualquer disciplina que se queira apresentar como ciência, procura-se, neste outro caso, a especificidade do modo de produção discursiva, quais os critérios próprios e específicos desse particular regime de validação (MONZANI, 2008, p. 15-16).

De forma resumida, apenas para ilustrar, o primeiro tipo de abordagem apresentada – o traçado de uma genealogia conceitual – estaria vinculado à história das ciências ou dos saberes; o segundo – uma leitura interna – estaria vinculado à reconstituição discursiva (análise de procedimentos e encadeamentos discursivos) e o terceiro seria um tipo de abordagem que Monzani chamou de “epistemologia da psicanálise”. Seguindo essa linha de raciocínio, nos deparamos, então, com uma “via de duas mãos”, ou seja, se a filosofia não só pode como deve, apresentar questões ao discurso psicanalítico, sem sombra de dúvida a psicanálise também apresenta problemas fundamentais para a filosofia. Aqui se faz valer uma passagem, retirada do discurso de outro eminente filósofo, também precursor da *filosofia da psicanálise* no Brasil, a saber, o professor Bento Prado Jr., referindo-se ao livro de Monzani, *Freud, o movimento de um pensamento*:

O genitivo presente no título deste livro deve ser lido com duplo sentido: filosofia da psicanálise, já que se trata de uma reflexão que faz do discurso e da teoria freudianos o seu objeto; mas, também, filosofia da psicanálise, já que se trata da filosofia que a psicanálise parece impor aos filósofos, exigindo mudanças cruciais no aparato conceitual que faz a tradição da própria filosofia (PRADO Jr., 1990, p. 08).

Retornando aos tipos de abordagem propostos anteriormente, levemos em conta a terceira forma de abordagem – leitura interna do texto, exame de seus contornos próprios, de suas linhas de projeção, da articulação das teses entre si –, onde, no nosso entender, somente esta

<http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-i-ano-v/artigos-tematicos/a-psicanalise-a-filosofia-e-a-universidade.pdf>

nos possibilita uma compreensão mais segura do pensamento de Freud. Certamente, foi a partir daí que uma série de problemas que se encontravam no texto freudiano foi, pouco a pouco, para nós, sendo revelada. Vale mencionar que o próprio Monzani, no seu livro *Freud: o movimento de um pensamento* realiza uma célebre abordagem desse terceiro tipo, “epistemológica”, quando busca elucidar as articulações conceituais que se encontram na estrutura do texto freudiano, trazendo à tona o movimento do pensamento de Freud e a relação entre os vários estágios de sua evolução. Sendo esta, do nosso ponto de vista, uma das mais interessantes produções da *filosofia da psicanálise* no nosso âmbito acadêmico, será feita uma breve síntese do seu conteúdo, para que se possa ter uma ideia de como se dá esse tipo de investigação.

Existe, pois, uma leitura de Freud que vê continuidade em sua obra e, outra, que vê rupturas radicais. Monzani, no entanto, como já foi dito, propõe uma terceira leitura, onde não haveria nem ruptura radical, nem continuidade pura e simplesmente. Na sua perspectiva, o que haveria seria um movimento espiralado e pendular, por meio do qual teria se desenvolvido o pensamento freudiano. Apesar da existência desses movimentos – espiralado e pendular –, estes não seriam característicos do pensamento freudiano. Houve, sim, oscilações, hesitações e abandonos temporários, mas nada que provocasse mudanças radicais e definitivas do ponto de vista teórico. A psicanálise freudiana, na constatação de Monzani, apresenta-nos uma lenta gestação de conceitos, onde as noções são retificadas, precisadas, pensadas, repensadas e explicitadas umas em função das outras e também em função das novas aquisições produzidas pela prática clínica. Vale a ressalva de que Freud jamais deixou para trás sequer uma de suas ideias, conservando-as ou superando-as (não a superação do tipo hegeliano).

Por um lado, o discurso freudiano aparece, de forma clara, como pendular, ora enfatizando um polo de determinada questão, ora o seu oposto. Monzani faz referência, aí, à noção de ego, encontrada e desenvolvida por Freud na primeira parte do *Projeto de uma Psicologia* (1895/1996), que acabou por dar lugar, por muito tempo, a considerações do polo oposto (o inconsciente). Por volta dos anos 20, Freud retomou, novamente, o tratamento dessa noção que, se não havia sido descuidada nesse período, certamente levou um tratamento bastante lacônico. Outro exemplo é o tratamento da questão da sedução, abordado de forma minuciosa ao longo do capítulo I de *Freud: o movimento de um pensamento*. Esse mesmo movimento pendular acaba por tornar-se espiralado na medida em que adentramos na complexa rede teórica do freudismo. As mesmas questões são novamente abordadas, esquecidas, retomadas, porém, agora, em outro patamar. Trata-se, como é possível notar, da aplicação de diversos procedimentos e operações:

O que temos é sempre uma progressiva rearticulação e redefinição dos conceitos, determinada por sua lógica interna e pela progressiva integração dos dados da experiência. Ora se trata do aprofundamento e do alargamento de um conceito (sedução). Ora se trata de uma progressiva diferenciação no interior de um mesmo conceito (ego). Ora da emergência de uma noção implícita, mas ordenadora (a pulsão de morte) etc. E cada uma dessas operações leva, por sua vez, frequentemente, a que se obrigue a repensar o conjunto dos conceitos que lhe são vizinhos e assim por diante (MONZANI, 1989, p. 303).

É-nos evidente que, hoje em dia, além desse tipo de trabalho proposto por Monzani – de uma análise epistemológica dos textos psicanalíticos –, uma série de outras estratégias de investigação é aplicada nessa área, tentativas, na sua maioria, abusivas, de apropriações indevidas tanto da teoria como dos conceitos psicanalíticos, feitas pelo discurso filosófico. Pode-se constatar, muito facilmente, que esse tipo de procedimento jamais apresentou resultados profícuos. Vale ressaltar também que, apesar de estarmos fazendo referência à psicanálise freudiana, nada muda em relação aos procedimentos apresentados, podendo ser levada em conta,

ao invés da psicanálise freudiana, a psicanálise lacaniana, a winnicottiana, a kleiniana, dentre outras.

A teoria psicanalítica interessa-nos pelos mais diversos motivos, sejam teóricos ou clínicos, mas, sobretudo, porque ela não deixa de apresentar os mais variados problemas também para o discurso filosófico. Monzani, de forma aleatória, menciona dois desses problemas, apenas para exemplificar:

1- o problema da gênese e constituição do aparelho cognitivo;

2- o problema da origem e o papel da consciência moral, tanto no que diz respeito ao sujeito singular quanto ao seu papel na coletividade.

Entretanto, se não existe em Freud uma teoria significativa que abranja esses dois pontos, é certo que existem, ao menos, indicações de valor acerca dos fatores da hominização, ou seja, um delineamento da origem histórica da sociabilidade e dos motivos psíquicos determinantes dessa mesma sociabilidade. Para finalizar suas colocações, Monzani apresenta um exemplo de questionamento bastante significativo, que ilustra bem o papel exercido pela *filosofia da psicanálise* e nos mostra o quanto ainda estamos “engatinhando” nesse domínio. Vejamos: se levamos em conta que a concepção de sujeito sofreu, com Freud, uma mudança radical, o que isso pode implicar? Sujeito descentrado e determinado pela instância do “outro”? O que isso quer dizer? Qual o sentido de tudo isso? Quais as consequências? Ele próprio responde: “A bem da verdade, ainda não sabemos direito, e é por isso que, entre muitas outras razões, amemos Freud ou não, sua leitura nos é obrigatória e indispensável” (MONZANI, 2008, p. 18-19).

Certamente, não foi o nosso intuito persuadir o leitor acerca de uma definição “verdadeira” do que seja a *filosofia da psicanálise*; muito pelo contrário, o que se pretendeu foi, justamente, municiar o leitor interessado com informações fundamentais que possam, de alguma maneira, servir de guia para que, a partir de iniciativa própria, possa buscar compreender essa jovem e intrincada linha de pesquisa, seus principais questionamentos e desdobramentos. E, para finalizar, fazendo nossas as palavras de Osmyr Faria Gabbi Jr., que o leitor, oriundo da clínica, também tire proveito das suas leituras, sendo mais criterioso nas suas escolhas e que abandone “(...) a via fácil de contrapor períodos distintos com intuições clínicas sem o devido respaldo conceitual” (GABBI JR., 1999, p. XII), que busque pensar, de forma mais precisa e fundamentada, o *setting* analítico e que essa admoestação se estenda a todos que, independentemente da área de conhecimento, utilizam o discurso da psicanálise como referência.

Notas:

(1) Conferência apresentada no *Simpósio Psicanálise e Universidade*, realizado em dezembro de 2012, em Salvador-BA, promovido pelo IHAC/UFBA, UFRB e Colégio de Psicanálise da Bahia.

(2) Nobre iniciativa do prof. Dr. Adriano Correia (UFG), então editor da referida revista.

(3) No que diz respeito a essa questão, recomendamos a leitura de dois editoriais escritos pelo psicanalista Marcus do Rio Teixeira, no site da Editora Ágalma (www.agalma.com.br), intitulados, respectivamente: *A quem interessa o projeto de regulamentação da psicanálise* e *Mais uma vez, a regulamentação da psicanálise*.

Referências Bibliográficas:

- FREUD, S. (1895/1996). “Proyecto de psicología”, in *Obras Completas, vol. I.* (trad. J. L. Etcheverry). Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- GABBI Jr., O. F. (org.). (1999). “Prefácio”, in *Fundamentos da psicanálise.* Pensamento, linguagem, realidade e angústia. Campinas: CLE/Unicamp.
- MONZANI, L. R. (1989). *Freud: o movimento de um pensamento.* Campinas: Unicamp.
- _____. (1990). “Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanços e perspectivas”, in Prado Jr., B. (org.). *Filosofia da Psicanálise.* São Paulo: Brasiliense.
- _____. (2008). “O que é filosofia da psicanálise?”, in *Revista Philótopos.* Dossiê Filosofia da Psicanálise, v. 13 (2). Goiânia: UFG.
- PRADO Jr., B. (org.). (1990). *Filosofia da Psicanálise.* São Paulo: Brasiliense.
- RODRIGUÉ, E. (1979). *O paciente das 50.000 horas.* (trad. Marina C. Celidonio). Rio de Janeiro: Imago.

Recebido em: 13/01/2013

Aprovado em: 26/05/2013